

AS SENSIBILIDADES DOS SABERES. OU, AS CONDIÇÕES DO SENSÍVEL NA FORMULAÇÃO E EXPRESSÃO DE NOSSOS SABERES

Cynthia Farina – IFSUL

Demarcações

O problema ao que responde este ensaio é o da sensibilidade dos saberes constituídos no campo da educação e através dos quais nos tornamos professores. As coordenadas acadêmicas e científicas são as que medem a legitimidade de um saber, seu terreno de abrangência e campo de influência. Com elas, temos procedido na elaboração e implementação desses saberes. Não obstante, muitos de nós que trabalhamos com formação de professores manifestamos, continuamente, insatisfações com os ângulos e limites que os eixos destas coordenadas nos impõem. Sua condição funcional de ciência e sua constituição normativa metodológica definem, não, apenas, o lugar de autoridade que estes saberes ocupam, mas, suas formas de uso. Ao indagar as capas desses saberes, localizamos a perspectiva pedagógica da que participam e com a qual se identificam. Não se pretende, aqui, analisar ou impugnar a importância de saberes docentes historicamente constituídos e dominantes, mas concentrar-nos nas condições de possibilidade dos saberes, mediante a problematização de sua capacidade sensível.

Um saber é indiscernível de uma percepção e de uma sensibilidade. Isso implica algo tão elementar como o foco de curiosidade por certas situações de realidade e as conseqüentes associações, mesclas e relações as que procedemos, de acordo com a lógica que opera neste saber. Para cada elemento incômodo ou variável capaz de atuar em uma situação, infinitos outros não serão captados por sua lógica e não perturbarão sua sensibilidade. Simplesmente, não chegam a ser detectados e, se o são, tal lógica não dispõe de maneiras de registrá-los ou de conectores para serem associados.

Qualquer que seja a lógica em questão, uma forma de percepção e uma capacidade sensível predomina nela. Consideremos que, pese a permanente revisão no campo da educação, nas mais distintas áreas, a lógica dos saberes com os quais aprendemos a ser professores e hoje ensinamos, reafirma o mesmo modo de funcionamento deste domínio e seus métodos formativos. Todo o estranhamento externo ou interno, coletivo ou individual, inidentificável pelo capacitor sensível que aí se constitui e que aprendemos a reproduzir, será imperceptível. E, desse modo, inabarcável como matéria propositiva de saber. Por isso, este texto tende a provocar as condições e constituições dos saberes docentes predominantes, atendendo sua

sensibilidade para, problematizá-la. A capacidade sensível de um saber vem quase antes dele mesmo, na medida em que é ela que capta ou não a matéria com a qual se lhe compõe. Sensibilidade e saber pertencem um ao outro, fazem parte do mesmo regime de signos. De fato, diz-se razão a uma determinada sensibilidade para com o real.

Este texto é parte de uma pesquisa desenvolvida em estágio pós-doutoral, em um Programa de Pós-Graduação em Educação, no país. Como sabemos, o estudo do sensível nos domínios da Estética é amplo, extenso e complexo. Este estudo apenas tangencia tais domínios, seu propósito não se localiza neste campo. Para falar com José Gil (1998), se localiza na *zona de limiar* entre Educação e Estética. Vale-se dos movimentos de cada um deles para perguntar por nossa capacidade de formular problemas de pesquisa com e para nossa realidade cotidiana. Quer dizer, perguntar-nos por nossos saberes docentes é perguntar pelo que somos capazes de perceber e o que somos capazes de perceber comporta uma educação do sensível. Nesse sentido, indagar os limites de nossa realidade e capacidade de invenção tem a ver com questionar os limites dos problemas que somos capazes de formular. É este o labor do que participa este texto, ainda que de maneira introdutória.

Há vibração na aparência das coisas e das ideias refletidas. Essa vibração expressa. Nesse sentido, uma das perguntas em jogo envolve a desestabilização da composição sensibilidade-corpo-saber docente. A prática com a superfície reflexiva dessa composição pode contribuir com deslizamentos de voz e visão que a assentam. Chamemos a Merleau-Ponty (1980, p. 120): “a expressão não pode ser então a tradução de um pensamento já claro, pois que os pensamentos claros são os que já foram ditos em nós ou pelos outros”. O que realizamos, então, os que desejamos ser capazes de lidar com tais vibrações nas aparências dos corpos, se nos interessa pouco inventariar uma arte educativa, ou constatar progressos nestes afazeres? Converter em perceptível tais vibrações, sugere este texto. Fazer-nos sensíveis a elas. Lidar com elas. Arriscar-nos. Construir um aparelho vibratório e coletor de suas frequências. Aparelho pré-disciplinar, trans, talvez.

Sensibilidade escolarizada

Começamos colorindo os contornos de uma noção de sensibilidade. Eles extrapolam qualquer definição de atributo, dote ou virtude. Tampouco coincidem com os de uma ‘percepção’ enquanto aptidão física para estímulos sensoriais. Quer dizer, aquela que se identifica com o

corpo físico, mas o abstrai, na medida de suas categorias e cinco funções, preestabelecidas. As consideradas hierarquicamente superiores são, como sabemos, visão e audição e as consideradas inferiores, tato, paladar e olfato¹. Como sentem os sentidos que configuram um corpo? Não é inata a sensibilidade.

Podemos pensar em sensibilidade como capacidade dos sentidos imanente a um corpo, através e apesar da qual ele se encontra com o mundo e é educado para este. A cada modo de produção de subjetividade situado histórica, política, social, antropológica e esteticamente, corresponde uma sensibilidade. Nós a praticamos, coletiva e individualmente, como forma de atenção para com a realidade e o que ela gera em nós. Todos somos sensíveis, exercemos e somos formados por uma sensibilidade, uma maneira concreta, encarnada e existencial, de tocar e ser tocado, no mesmo movimento.

Conosco vão maneiras de recepção do ‘outro’: do que não sou, do que não sinto, do que não sei. Modos de acolher e responder ao toque do mundo em nós. Este toque encontra, ao mesmo tempo e com mais ou menos força, os contornos do que chamamos ‘nós mesmos’. ‘Eu’ se traduz em certa capacidade, em certa performance sensível. Corresponderia a cada sentido um sentir? Possuiria e ofereceria a sensorialidade (capacidade dos sentidos) graus de consciência a um corpo? Poderia um sentido funcionar em sentido distinto ao seu uso ordinário? Estranha-se um sentido? Se assim fosse, como se portaria o eu que o comporta?

Ensina-se a ser sensível. É isso que obtemos na educação escolar, a organização de um hábito para a convivência com o razoável. Ensina-se uma sensibilidade praticando-a, ensina-se a escutar, escutando, a comportar-se, comportando-se. A pedagogia é uma tecnologia morfológica do eu. Educa as condições do sensível de um corpo e do saber que o ergue e sustenta. Não há corpo sem forma, não há saber insensível. “Não conhecemos a nada nem coisa alguma antes que o corpo tome sua forma, sua aparência, seu movimento, seu habitus, antes que entre em dança com seu aspecto” (SERRES, 2011, p. 77).

Daí vem, em sentido amplo, que o instrumento pedagógico da educação é estético: constitui conosco e para nós o tímpano ou capacitor mediante o qual o outro nos alcança, e com o qual

¹“O que acontece quando um sentido é posto a trabalhar em ‘sentido’ diferente ao conhecido? O que produz este deslocamento do uso do tato, que passa a explorar no movimento sensível dos corpos em contato o dever das forças às que estão sujeitos? Quê qualidade de experiência sensível e de conhecimento permite?”. Questionamento quanto ao uso dos sentidos na dança *Contact Improvisation*, (TAMPINI, 2009, p. 67).

configuramos a coreografia do nosso cotidiano. Esse é o processo formador do qual formamos parte, aplicamos, replicamos e, vez por outra, questionamos. Há uma estética atuante em cada pedagogia, educadora de nossas formas de ser, sentir e saber. São elas que nos dão uma posição no mapa do coletivo e uma postura capaz de conter e expressar as relações das que participamos. O conjunto de relações que constituímos e frequentamos move um gradiente perceptivo, as sonoridades que escutamos e as que nos são inaudíveis, as tonalidades sem registro, as que rechaçamos, as que nos seduzem. Esse conjunto afinado com sua conjuntura desenha uma política dos vínculos com a qual se agrega, distribui e encarna uma sensibilidade, uma *política do sensível*.

Há uma sensibilidade dominante da qual fazemos parte. No dia de hoje, ela evoca e implementa um sentido para a existência que abraça, no mesmo gesto, a produção do excesso e seu negócio com o gasto e a destruição. Do latim: *producere* (ocasionar, originar, render) e *consumere* (anular, arruinar, aniquilar). Tempo e espaço são *quase-causas* e *efeitos*² de nossa condição, constituição e capacidade sensível. Elas são indissociáveis da experiência de uma época. Benjamin (1992) fez foco nas transformações da experiência de sua época, que a levavam ao empobrecimento e degradação, enquanto Agamben (2007) traçou a responsabilidade adulta e urbana na expropriação da experiência, já implícita no projeto da ciência moderna. Se nos constituímos através dela, participamos, atualmente, da lógica de mercado que a instituiu como negócio. Da experiência, adquirimos uma imagem – de acordo com a posição social que ocupamos – modulada na economia política dos processos de subjetivação cotidianos. Em nosso tempo, a experiência tem sido indexada a medidas de consumo, obtida na vivência de tal o qual lugar, de tal o qual produto. Produtos e lugares se convertem em potências as que se elevam experiências vinculadas ou geradas pela indústria cosmética, de turismo, médica-estética, de vestuário, automotriz, etc. Tempo e espaço são subjetivados em uma economia da experiência.

Vivemos em carne própria os efeitos das transformações do espaço e das variações do tempo. Deslocalização, desterritorialização, virtualização, mobilidade e velocidade se combinam em ‘eus’ múltiplos, instáveis e, necessariamente, flexíveis. Como referir-se às mutações dos contemporâneos processos de subjetivação, mais além do lugar comum da censura nostálgica ou do otimismo mercadológico? Às vezes, se nos escapam efeitos colaterais destas rápidas

² Ideia desenvolvida por Deleuze em *Lógica do Sentido* (1994), que apresenta condições sempre parciais de causa e efeito para um acontecimento.

transformações e os medicamos, ignoramos, sufocamos, maquiamos, ou sucumbimos. O espaço como estabilizador e ancoradouro, como referência e limite subjetivos já não funciona. Estamos em mais de um lugar ao mesmo tempo, podemos nos desdobrar em vários. Personagens, avatares, múltiplos de um. Como dar forma ao eu quando nós mesmos impugnamos suas medidas de referência? A tanta oscilação: retração. Individualização, individualismo: uma de nossas atitudes mais marcadas.

Como nos referir às mudanças das maneiras de sentir no contemporâneo sem esquematizá-las, medicalizá-las ou psicologizá-las? Em relação a quê se modificam? Como elas afetam as condições de nossa sensorialidade?³ Como a configuração de nossos saberes se vê envolvida na relação sentimento-sensorialidade? E quais suas implicações mais diretas nos processos de formação de professores?

As impressões, as sensações, os modos da percepção (sensorial), as maneiras do sentir, funcionaram diferentemente na história, de acordo com sua intensidade, suporte, gênese, combinações. A antropologia de Haroche (2009), em aliança com a ideia de *duração* na filosofia de Hume, problematiza os efeitos produzidos nos sentidos pelos fluxos sensoriais mediados continuamente, no que ela chama de modernidade contemporânea. Temos aí uma questão de tempo, quer dizer, de descarte do tempo necessário à reflexão, a partir dos efeitos produzidos nos sentidos e em favor do célere, do descontínuo e do instantâneo. Suprimido o tempo da reflexão, obstaculiza-se a consciência. Os fluxos de informação atuam permanentemente em nossa sensorialidade, gerando impressões e sensações difusas, impalpáveis. Como saber os efeitos dos fluxos sensoriais contínuos aos que estamos submetidos na elaboração de nossas percepções, conhecimentos e subjetivações? Nossas formas de sentir e saber se transformaram junto às formas da tecnologia contemporânea, pautados pela aceleração, pela instantaneidade e imediatez.

A constatação das perdas de contorno e continuidade na experiência leva a autora a formular uma hipótese sobre os atuais processos de subjetivação: “Os fluxos sensoriais contínuos afetam a capacidade de experimentar sentimentos, fundamentalmente o sentimento de existência do eu e do outro”. (HAROCHE, 2009, p. 193, tradução minha). Assim, do estreitamento do campo da experiência, passamos a um estado de aturdimento da

³ As maneiras de sentir são circunstanciadas historicamente. Elas encarnam a predominância e hierarquia de certos sentidos sobre outros. Por exemplo, na Idade Média, os sentidos mais importantes eram o tato e o ouvido, enquanto na Modernidade a vista e o ouvido assumem maior estatus. Ver Courtine, 2009.

sensorialidade, combinado à intensificação das sensações e ao empobrecimento dos sentimentos, para alcançar o estreitamento do campo da consciência. Perguntemos ainda com a antropóloga:

“Como indivíduos, podemos pensar dentro *da* fluidez, sob pressão contínua, ininterrupta do fluxo? Privado do tempo, da duração que exigem os sentimentos, o indivíduo hipermoderno pode experimentar outra coisa que não sejam sensações?” (HAROCHE, 2009, p. 134. Tradução minha).

Time is money, ouvíamos desde muito cedo. Enquanto crescíamos e nos formávamos professores, o capitalismo neoliberal soube levar este dito ao paroxismo, extraindo dele toda sua verdade possível. Com o sentimento do eu desestabilizado em suas formas e funcionamentos, o outro assume a condição de ameaça e competidor, na medida em que a comunicação e as relações afetivas representam cada vez menos garantias e segurança para este eu. O individualismo se acirra e a esfera do trabalho passa a receber um investimento mais do que apenas laboral, ela inflaciona e incita a ação do desejo que se traduz em trabalho produtivo. Franco Berardi (2007, p. 87, tradução minha) desafia a dimensão política deste contexto ao enfatizar que a “expansão da esfera econômica coincide com uma redução da esfera erótica” na vida de cada um. A propalada ‘liberdade individual’ construída nas sociedades democráticas ocidentais deixa livre os indivíduos para escolher investir mais e mais no enriquecimento dos produtos de seu consumo e menos para desfrutar de si mesmos, do que não está codificado pela lógica produtiva. Já não dispomos de nosso tempo, pois ele não pertence à dimensão do humano, a vidas concretas. Incorporamos o tempo como sentimentos de pressa, pressão, ansiedade, impotência, dominação. Vertigem, recrudescimento e inconsistência convivem no sentimento do eu.

Sensibilidade pré-escolar

Se constatamos uma sensibilidade passível de ser educada, se observamos uma sensibilidade socialmente predominante, e se a cogitamos como suporte e vínculo da economia política de mercado que vivemos, também advertimos uma capacidade sensível que não funciona exatamente deste modo. A ideia de sensibilidade também envolve uma faculdade mais incerta, menos previsível, com certa capacidade para notar aquilo que está antes ou depois do

nome, ou, ainda, não se deixa ser nomeado. Talvez, possamos falar de uma sensibilidade escolarizada (horizontal, curricular, cursiva, sequencial, educável) e de uma sensibilidade pré-escolar (vertical, fora de curso, inconstante, intempestiva). Para abordá-las, vejamos brevemente as ideias de sensação e sentimento.

Ao longo de sua trajetória filosófica, Deleuze se ocupa de uma ideia de sensação. Dedicou-lhe uma obra (2002) a partir da pintura de Francis Bacon. Porém, curiosamente, não se interessa em elaborar uma ideia de sentimento. Sua filosofia mostra-se inteiramente coerente ao desejo de pensar o aformal, o não representado, o anterior à palavra e suas formas de expressão: ‘de por um grito em relação com as forças que o suscitam’. Pensa as operações -processos de formação- através das quais se configura uma estética, mas, especialmente, a irrupção dos acontecimentos, o encontro com distintos níveis de exterioridade que desorganizam um modo de ser. Interessa a sua filosofia o desfazimento das formas, quer dizer, dos hábitos que formam as formas. Por isso, seu interesse pela sensação: pelo que torna sensível a um corpo uma força que por si mesma não o é. Sensação seria a dimensão sensível de uma força, aquilo que a arte pode capturar e conservar de uma força (DELEUZE e GUATTARI, 1996). Mas, para isso, se necessita um corpo, se necessita constituir um corpo com uma face voltada para o corpo empírico e outra para o acontecimento, para o que lhe arrebatava tempo e espaço. Uma sensação se vive no corpo.

Por sua vez, sentimentos têm história. A um sentimento pertence uma cronologia, uma época, uma geografia, uma política, como a história do amor, por exemplo (SIMMONET, 2005). A ele corresponde mais uma dimensão cultural e social do que, propriamente, psicológica, como nos esclarece Illouz (2011), sobre os desdobramentos afetivos do capitalismo na atualidade. Os nomes dos sentimentos nos permitem identificar e situar subjetivamente um fato, uma relação, assim como pode nos indicar uma reação possível. Sentimentos pertencem a uma escala moral e nos situam socialmente em relação a ela, surgem e ocupam lugares específicos na cultura afetiva de diferentes civilizações. Sentimentos expressam hábitos culturais, ou, como defende Haroche (2009), regulam o social.

Na primeira metade do século XVIII, o médico e filósofo Julien Onfray de la Mettrie (2010) advertia um *império das sensações*, a partir do qual nos seria impossível o engano ou a ilusão, na medida em que atendêssemos às sensações, pois elas nos remeteriam a nós próprios, nos fariam sentir-nos. Enquanto retomo de la Mettrie, Serres oferece a ideia de que a sensação nos protege e nos guia, pois nos serve de alerta. Ao ignorar a sensação, ao substituí-la por

artifícios, regressamos a um estado mais limitado, perigoso, mais próximo à bestialidade que à inteligência. De fato, para Serres (2001, p. 155), “a sensação inaugura a inteligência”, apela a um corpo e ao pensamento que o sustenta. Uma sensação afeta a capacidade sensível de um corpo, deflagra-o e o convoca, interpela e participa de um pensamento.

Para uma sensação: um corpo; para um corpo: uma capacidade sensível. Se em uma sensação reside a porção de força que desregula o funcionamento de uma forma de vida, que desfaz um território existencial, que desarticula sua capacidade sensível; é também ela que lhe oferece o material intensivo com o qual reconstituí-lo, além da possibilidade de produzir diferença neste processo. Se a sensação atinge e desregula uma experiência, também participa das referências que lhe resituam, individual e coletivamente. Sentimentos e sensações, regulações e desregulações, o codificado e a decodificação, enfim, não se impugnam ou contrapõem. Há, isso sim, composições e agenciamentos que se dão no vivido, que variam o que sentimos e os sentidos, que complexificam as relações e suas expressões.

No rastro de uma sensibilidade que não se educa⁴, mas que se pode observar e com a qual se pode aprender, advém uma questão sobre o uso dos sentidos que se dá no corpo. Questão de método, talvez. Há diferenças entre observar-nos e supervisionar-nos. Como praticar uma sensibilidade, escutar e intervir no uso dos sentidos? Como confeccionar com isso um saber pragmático? Quais as relações entre tais práticas e uma possível formação de professores? Ela começaria pelo corpo? Qual corpo? Devemos ter em conta que a busca de uma sensibilidade não é a de alguém, a de um sujeito, personagem ou pedagogia, mas a necessária para relacionar-se com alguém, com o outro, em certa circunstância. Que olhar, que toque e que voz, que corpo veste cada *sensibilidade de saber*? Como constituir uma sensorialidade para estar com o outro e para favorecer-se outros? O sensível transpira cada poro do saber. Tem a ver com uma sensibilidade para o mundo com capacidade para governá-lo, e tem o poder de desenhar mapas e ficções com e sobre o indeterminado. Faz dobradura com a superfície escorregadia da experiência, tornando-a aspirável, tangível e suportável.

Uso dos sentidos, sentimento do eu, sensibilidade do saber, políticas do contemporâneo invocam a formação do coletivo e, nessa direção, invocam, especialmente, a pergunta pelos critérios de referência para tais formas. Requerem uma escuta aguçada e delicadeza no toque.

⁴ Na perspectiva de Schérer (2009), um corpo não se educa.

Berardi⁵ assume o risco de problematizar um contexto incerto e manifestações coletivas surgidas bastante recentemente, de dentro dos movimentos sociais e políticos, na comunidade europeia. O retrocesso das conquistas trabalhistas em alguns daqueles países, o agravamento dos problemas sociais e seu tratamento em tom eminentemente econômico pelas lideranças políticas, entre outras, nos apresentaram um panorama radicalmente distinto do que acostumamos ver dos países chamados desenvolvidos, até pouco tempo atrás. Tal conjunto de situações que, como observamos, não se restringe a continentes ou nações, se apresenta também problematizado por movimentos sociais mais e menos organizados, porém, mais especialmente e de forma inusitada, pela irrupção de agrupamentos reunidos mais além de uma pauta reivindicatória instituída. Esses agrupamentos, em muitos dos casos, são convocados através das redes sociais, mobilizam-se de maneira veloz e efêmera, mas não são menos potentes em suas formas de resistência. Negri e Hardt (2002), com quem pensa Berardi, chamam a estes agrupamentos *multidão* e estudam o surgimento de suas formas desde o final dos anos noventa.

No sentido da complexa política de forças nessas expressões do coletivo, se lhes avista alguns princípios de constituição. É difícil falar de uma ética propriamente dita, como critérios estabelecidos ou padrões críticos de movimento; tanto como em uma estética evidente, reconhecível ou representável dos mesmos. Não obstante, distinguem-se sentimentos comuns que formam comunidade, seja de revolta ou de acomodação, mas que reverberam no sentimento do eu atual; tanto como as maneiras através das quais eles ocorrem. A ênfase de Berardi (2010) em sua análise é quase contagiante:

“Feios, asquerosos, repugnantes são aqueles que estão nos postos de comando das finanças, da política, da economia, desde o ponto de vista da nova geração. É um **juízo estético**, antes de qualquer coisa. A **escolha ética** se baseia no prazer de si; não em valores universais, mas no prazer da singularidade. Uma percepção distinta da riqueza como gozo de si e não como aquisição, vai abrindo caminho na **sensibilidade**, antes mesmo que na consciência”. (BERARDI, 2010, pg. 14. Tradução e grifos meus).

O filósofo percebe nos movimentos da multidão, especialmente por parte das novas gerações, uma mudança de gosto, de juízo estético. Se a estética política da década passada esteve

⁵ O autor vem tratando destas questões desde o livro intitulado “A fábrica da infelicidade. Trabalho cognitivo e a crise da new economy” (2002). Ver também o texto *Revue*, disponível no site *Multitudes*: <http://colaboratorio1.wordpress.com/2010/12/24/sere-sintetico-franco-berardi-bifo/>

marcada pela precariedade e aceleração do tempo, e se limitou à denúncia e a uma ação mais simbólica que propriamente política, Berardi vê agora uma configuração distinta. As multidões da geração pós-alfabética ao redor do planeta têm outras reivindicações, suas exigências não têm caráter universal, mas expressam uma sensibilidade com valores estéticos. Na perspectiva de Berardi, esse desejo de beleza se alia a valores estranhos à economia de mercado e insinua mudanças mais da ordem do sensível, que propriamente da consciência reflexiva. O filósofo se refere a um sensível capaz de captar o indeterminado, a forma fazendo-se (tal como Cézanne), refere-se a esta capacidade como uma faculdade incerta, contingente, anterior ao discurso. A sensibilidade capaz de captar a processualidade do que ainda não é, de um devir, talvez.

Nessas condições, damos o braço a Serres (2001, p. 103), quem nos conduz a um desejo de saber que forma o corpo, que o embeleza, que o cura, que se faz nele e dele “antes mesmo que na consciência”. Seus valores científicos se amparam em um juízo estético: “Quanto mais presto atenção e busco, mais eu penso. Penso, logo, sou belo. O mundo é belo, logo, penso. O saber não pode prescindir da beleza. Busco uma ciência bela”.

Recolha

'Pode-se ensinar a ser sensível'? 'Sensibilidade não se educa'. A primeira vista, temos uma contraindicação. Mas, só a primeira vista. Assim como sensação e sentimento não se contradizem, uma sensibilidade escolarizada apenas, esquematicamente, estaria divorciada de outra, pré-escolar. E estas duas são apenas as dimensões que nossa capacidade científica consegue advertir e sua sensibilidade, admitir. Para além disso, temos nos refugiado na arte.

A pesquisa da qual provém este ensaio constatou que um dos limitadores dos estudos do sensível no âmbito da Educação é a linguagem científica de onde estas pesquisas obtêm parte importante da legitimidade acadêmica. Como sabemos, cada campo do conhecimento se institui através de certa ordem discursiva que articula a produção de significância e subjetividade. Entendo que as investigações com formação de professores precisam considerar a embocadura expressiva destas ordens e como desembocam seus enunciados. Vale dizer, precisam considerar as formas de expressão com as quais praticam e com as quais são validados os saberes que produzem.

Nesse sentido, este ensaio afirma uma prática com e por uma sensibilidade de saber. Aposta por uma sensibilidade capaz de perceber-se plataforma e atmosfera constituinte de saberes, atuante sobre si. Aposta na problematização das próprias perguntas que os saberes -dos que uma capacidade sensível participa- formulam sobre a realidade, mas, também, sobre si mesmos. Afirma um tipo de sensibilidade que deseja, tanto como possível, o pré-disciplinar e o pré-escolar nos saberes docentes, nos modos de aspirar, assumir e situar-nos no mundo escolarizado.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *Infancia e historia. Ensayo sobre la destrucción de la experiencia*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2007

BENJAMIN, Walter. *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Lisboa: Relógio D'Água, 1992

BERARDI, Franco. *A fábrica da infelicidade: trabalho cognitivo e crise da new economy*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2002.

_____. *Generación Post-alfa. Patologías e imaginarios en el semicapitalismo*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2007

_____. "Revueltas", disponível no site *Multitudes*. Acessado em abril de 2012.
<http://colaboratorio1.wordpress.com/2010/12/24/sere-sintetico-franco-berardi-bifo/>

COURTINE, Jean-Jacques (org. 3º vol.). *As mutações do olhar. O século XX*. 3º vol.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (diretores). *História do Corpo*. (vols. 1a 3). Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DELEUZE, Gilles. *Dos regímenes de locos. Textos y entrevistas (1975-1995)*. Valencia: Pre-Textos, 2007

_____. *Francis Bacon. Lógica de la sensación*. Madrid: Arenas, 2002

_____. *Lógica del sentido*. Barcelona: Paidós, 1994

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996

_____. *Kafka. Por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977

GIL, José. *Metamorfoses do corpo*. Lisboa: Relógio d'Água, 1998.

HAROUCHE, Claudine. *El porvenir de la sensibilidad. Los sentidos y los sentimientos en cuestión*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2009

ILLOUZ, Eva. *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Textos escolhidos. Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril, 1980.

METTRIE, Julien Onfray de la. *Discurso sobre la felicidad*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2010

NEGRI, Antonio e HARDT, Michael. *Imperio*. Barcelona: Paidós, 2002

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo. Como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

SCHERER, Renné. *Infantis. Charles Fourier e a infância para além das crianças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SERRES, Michel. *Os cinco sentidos. Filosofia dos corpos misturados*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001

_____. *Variaciones sobre el cuerpo*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011

SIMMONET, Dominique et alii. *La más bella historia del amor*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2005

TAMPINI, Marina. *Contact improvisation: cuerpo y pensamiento en danza*. Dissertação de Mestrado. *Maestría en Educación corporal*. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad Nacional de La Plata, Argentina. 2009